



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**DESMISTIFICANDO A LITERATURA GRECO-
ROMANA: UMA PROPOSTA DE INTERTEXTUALIDADE –
UM POEMA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA E UM CONTO
CONTEMPORÂNEO**

Margarida Maria de Fátima Rêllo de Souza

Rio de Janeiro

2024

MARGARIDA MARIA DE FÁTIMA RÊLLO DE SOUZA

DESMISTIFICANDO A LITERATURA GRECO-ROMANA:
UMA PROPOSTA DE INTERTEXTUALIDADE – UM POEMA
DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA E UM CONTO
CONTEMPORÂNEO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Letras, na habilitação
Português/Latim.

Orientador: Prof^a Dr^a Arlete José Mota

RIO DE JANEIRO
2024

CIP - Catalogação na Publicação

S729d Souza, Margarida Maria de Fátima Rêllo de
Desmistificando a literatura greco-romana: uma
proposta de intertextualidade - um poema da
Antiguidade clássica e um conto contemporâneo /
Margarida Maria de Fátima Rêllo de Souza. -- Rio
de Janeiro, 2024.
41 f.

Orientador: Arlete José Mota.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
2024.

1. Literatura greco-romana. 2.
Intertextualidade. 3. Literatura brasileira
contemporânea. 4. Leitura comparada. I. Mota, Arlete
José, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MARGARIDA MARIA DE FÁTIMA RÊLLO DE SOUZA

DRE: 119062222

DESMISTIFICANDO A LITERATURA GRECO-ROMANA: UMA PROPOSTA DE INTERTEXTUALIDADE – UM POEMA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA E UM CONTO CONTEMPORÂNEO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras, na habilitação Português/Latim.

Data da avaliação:

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Arlete José Mota – Presidente da Banca Examinadora

Faculdade de Letras / Departamento de Letras Clássicas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA:

Prof^a Dr^a Tania Martins Santos – Leitora-crítica

Faculdade de Letras / Departamento de Letras Clássicas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA:

MÉDIA:

Assinatura dos avaliadores:

Dedico este trabalho à Agatha, minha primeira neta,
que está por vir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Doutora Arlete J. Mota, que me deu a honra de aceitar ser minha orientadora e a quem atribuo todos os possíveis acertos do presente trabalho. Agradeço, também, à Professora Tania Martins Santos, por ter disponibilizado seu precioso tempo para fazer a leitura crítica deste trabalho. Agradeço à Professora Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira, da Faculdade de Educação da UFRJ, pelo apoio ao projeto germinal do presente trabalho. Finalmente, agradeço em meus colegas de turma, Lucas Miguel e Rafael Rios, por terem me autorizado a desenvolver neste trabalho a experiência do nosso estágio obrigatório. Por fim, agradeço a Deus por ter conseguido concluir este Trabalho.

RESUMO

SOUZA Margarida Maria de Fatima Rêllo de. 2024. **Desmistificando a literatura greco-romana: uma proposta de intertextualidade – um poema da Antiguidade Clássica e um conto contemporâneo.** Monografia (Licenciatura em Letras na habilitação Português/Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem como objetivo desmistificar e incentivar o contato dos estudantes do ensino médio com os clássicos da literatura greco-romana. Para tanto, apresenta-se uma proposta de intertextualidade entre um excerto da *Teogonia*, a *Origem dos Deuses*, do grego Hesíodo, e o conto intitulado Lia Gabriel, do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da escritora mineira, Maria da Conceição Evaristo. A leitura comparada das duas obras e a reflexão sobre os paradigmas sociais em comum, vigentes até hoje, são apresentados como capazes de construir uma ponte entre os dois textos.

Palavras-chave: literatura greco-romana. Intertextualidade. Literatura brasileira contemporânea. Leitura comparada.

ABSTRACT

SOUZA Margarida Maria de Fatima Rêllo de. 2024. **Desmistificando a literatura greco-romana: uma proposta de intertextualidade – um poema da Antiguidade Clássica e um conto contemporâneo.** Monografia (Licenciatura em Letras na habilitação Português/Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

This paper is invested in demystifying and encouraging High School students to engage with the Classics from Greek and Roman literature. To reach this goal, it is proposed an intertextuality between an excerpt from Hesiod's Theogony and the short story Lia Gabriel, included in the book *Insubmissas lágrimas de Mulheres*, by Maria da Conceição Evaristo, a Brazilian writer. The comparative reading of both works and the reflections on the social paradigms they share, existent until today, are presented as capable of creating a bridge between the texts.

Keywords: Greek and Roman literature. Intertextuality. Brazilian contemporaneous literature. Comparative Reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Capítulo 1 – O PROJETO

Capítulo 2 – O DIÁLOGO ENTRE OS TEXTOS

Capítulo 3 – HESÍODO E A TEOGONIA: ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O AUTOR E A OBRA

Capítulo 4 – CONCEIÇÃO EVARISTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTORA E SUAS INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Capítulo 5 – DESMISTIFICANDO OS CLÁSSICOS: OS PONTOS COMUNS ENTRE A LITERATURA GRECO-ROMANA E O TEXTO CONTEMPORÂNEO

Capítulo 6 – O DIREITO DE LER OS CLÁSSICOS

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

O escopo principal do presente trabalho, como foi o do projeto no qual se inspira, detalhado no Capítulo 1, é desmistificar aquilo que se rotula de incompreensível, ou até enfadonho, quando se trata de um clássico da literatura greco-romana. São vários os motivos que levam até os leitores habituais a pensar dessa forma, quiçá os mais jovens. A começar pelo significado do termo constante dos dicionários, sempre associado a alguma coisa erudita, e, portanto, distante do homem médio.

Na tentativa de desfazer tal impressão, um grupo de estudantes do ensino médio da rede pública do Rio de Janeiro foi introduzido no universo da Antiguidade Clássica, através de um projeto de roda de leitura. Para tanto, foram selecionados dois textos: um excerto da *Teogonia* de Hesíodo, que versa sobre a criação do mundo, e um conto do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da escritora mineira, Maria da Conceição Evaristo, intitulado “Lia Gabriel”.

A escolha pode soar ousada para alguns e até mesmo herética para outros. Aqueles que consideram esse tipo de cultura algo que poucos estão capacitados a apreciar, tomarão como afronta, ou, no mínimo, uma chincana acadêmica. Afinal, estabelecer um elo entre os versos hesiódicos e as histórias do cotidiano de mulheres anônimas, contadas por uma autora negra, parece uma tarefa fadada ao fracasso.

Tal perspectiva é o desafio aqui posto, como se verá ao longo dos capítulos que compõem o presente trabalho, cuja origem foi o já mencionado projeto, realizado ao final do estágio da autora, no segundo semestre de 2023, com os alunos do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti – CEAC.

Nas duas histórias, a mulher é subjugada sexualmente pelo pai dos seus filhos, no seio da entidade familiar. Por conseguinte, um dos propósitos é demonstrar que essa violência contra o sexo oposto não ocupa somente os livros escritos por autores contemporâneos.

Os episódios de opressão e de violência sexual praticada contra a mulher por seus companheiros no ambiente familiar estão em nossa sociedade. Por conseguinte, a

aproximação se faz a partir de uma realidade do mundo real semelhante à explicação sobrenatural para a criação desse mesmo mundo.

A denominada “cultura do estupro feminino” está presente em diversos textos clássicos, gregos e latinos. É o caso da *Teogonia*, ao “explicar” a criação do mundo, ressaltando-se, por óbvio, o significado dessa narrativa e da função do mito na Antiguidade.

Em suma, lamentavelmente, a violência revelou-se como um tema-ponte entre os versos de Hesíodo e o conto de Conceição Evaristo. Esclarece-se que não se pretende debater esse tipo de crime, tampouco imputar ilícitos penais aos primeiros deuses apresentados pelo poeta grego.

Foram pontuadas as semelhanças e as diferenças entre personagens, motivos e consequências da violência relatada por ambos os autores. Apesar de se tratar de diferentes gêneros literários e de terem sido escritos em épocas muito distantes uma da outra, foi possível fazer um *link* entre os dois textos.

Procurou-se demonstrar que a aproximação do texto contemporâneo ao clássico é algo necessário e uma consequência natural, pois, como afirma Ítalo Calvino, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p.11), e que o clássico sempre “persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 1993, p.15).

Em suma, é uma tentativa de despertar nos jovens estudantes o desejo de conhecer mais sobre a cultura da antiguidade, oferecendo um cardápio mais diversificado e de qualidade, de uma forma simplificada e, portanto, mais atrativa.

Concomitantemente, procurou-se, com o projeto, fomentar a leitura, a escrita e a oralidade dos alunos, assim como favorecer reflexões filosóficas e sociais, além de aumentar a capacidade argumentativa dos discentes, com base na análise dos conflitos gerados pelo desrespeito aos direitos humanos, postos em debate a partir das obras selecionadas.

Vale registrar que a questão é cara para a área da Educação, como se observa do disposto no § 9º. do artigo 26 da Lei no. 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, abaixo transcrito.

“§ 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher serão incluídos, como temas transversais, nos currículos de que trata o caput deste artigo, observadas as diretrizes da legislação correspondente e a produção e distribuição de material didático adequado a cada nível de ensino.”¹

Enfim, trata-se de uma proposta no intuito de contribuir com a quebra do tabu das leituras tidas como restritas a uma elite intelectualizada e elitizada, consumidora dos textos clássicos, sejam eles gregos ou latinos. E, portanto, uma tentativa de democratizar o acesso a obras literárias que transcenderam os séculos.

¹Redação dada pela Lei nº 14.164, de 2021 Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm, acesso em 8.11.2024.

1.0 PROJETO

A primeira versão do projeto era traçar um paralelo entre a visão fundamentalista do destino das personagens de Conceição Evaristo e as de obras clássicas, como *Édipo Rei*, de Sófocles. O assunto é atemporal e frequente na literatura desde a Antiguidade Clássica. Por conseguinte, acreditava-se que poderia conquistar a atenção do público-alvo, ou seja, os alunos das três turmas de primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti – CEAC –, nesta cidade.

Foi aceita uma segunda proposta, especificada na Introdução do presente trabalho, a qual confrontou versos do poeta grego Hesíodo com um conto da escritora mineira Conceição Evaristo. A execução do projeto foi realizada pela equipe da qual fizeram parte a autora desta Monografia e dois outros licenciandos da UFRJ, sob a supervisão da Professora Dra. Isa Ferreira Martins, titular da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura naquela instituição escolar pública.

O registro que se faz aqui dos percalços para concretizar o projeto não é mero queixume. O fato é que, desde a concepção da ideia ficou claro o desafio. A começar pela ausência de exemplares com traduções de qualidade dos autores clássicos da Antiguidade greco-romanos nas bibliotecas da rede pública de ensino. Com muita sorte, é possível encontrar exemplares dos “mais badalados”, por assim dizer. É o caso de *Os doze trabalhos de Hércules*, de Monteiro Lobato, e das versões infanto-juvenis de *Eneida*, *Odisseia*, *Ilíada* e das lendas transformadas em filmes como o “Labirinto do Minotauro”, “Fúria de Titãs”, “Troia”, entre outros. Sem falar em “*Percy Jackson and the Olympians*”, série de televisão americana criada por Rick Riordan e Jonathan E. Steinberg, baseada na série de livros homônimos.

Às dificuldades retro mencionadas somou-se a exiguidade do tempo. Outro obstáculo foi a controvérsia entre os teóricos da apresentação desse tipo de literatura. Alguns entendem desnecessário oferecer de pronto os textos clássicos originais, evidentemente traduzidos. Para eles, é aconselhável uma espécie de “tira gosto”, com as versões infanto-juvenis acima mencionadas. Não foi, contudo, essa a opção adotada.

A despeito da escassez de material, foi utilizado o texto grego original, embora em Português, e no formato versificado, somente optando-se por uma estratégia mais realista, qual seja de um excerto apenas. Manteve-se a proposta inicial da leitura coletiva e voluntária dos textos pelos discentes, em voz alta, precedida por uma breve apresentação do autor, bem como de uma breve explanação da obra clássica.

Feitas as ponderações acima, consideradas relevantes para a compreensão do presente trabalho, passa-se à descrição pormenorizada do projeto, acompanhada das necessárias observações sobre o seu desenvolvimento.

Conforme já dito linhas atrás, o público-alvo era composto de três turmas do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública, com idade variando entre 14 e 17 anos, cada qual com uma média de 20 alunos. A maioria deles concordou em participar, inclusive lendo os versos do poema grego apresentado voluntariamente.

No que se refere ao conto de Conceição Evaristo, os alunos já haviam lido durante o semestre em rodas de leitura semelhantes àquela que fizemos para trabalhar o texto clássico e até em casa. Isto foi possível porque o livro utilizado foi doado em grande quantidade ao CEAC, dentro do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

Foi dedicado um dia específico, 28 de novembro de 2023, em que assumimos as três turmas em horários distintos para apresentar a proposta, no formato da roda de leitura que vinha sendo realizada semanalmente com os estudantes. A ideia foi deixar os alunos confortáveis, num ambiente no qual já estavam acostumados a ler outros textos.

Foi elaborado um pequeno glossário com as palavras pouco usuais no português brasileiro, a fim de permitir a leitura linear do texto, sem interrupções para tirar dúvidas sobre o significado de algumas delas. Tal providência também contribuiu para que os estudantes pudessem prestar maior atenção ao conteúdo dos versos, formular perguntas e manifestarem-se sobre as obras e o vínculo proposto entre elas. Não houve necessidade de expansão do vocabulário.

Segue o glossário.

Dês = abreviatura de desde

Prodigiosa = fora do comum, extraordinário

Atulhada = enchida, entulhada

Urdu = tramou, maquinou

Podão = foice de cabo curto, muito afiada

Estólido = tolo

Ultraje = ofensa grave

Reteve = não deixar escapar

Nefando = abominável, perverso

Foice dentada = ferramenta de lâmina curva usada para ceifar = cortar (nas plantações)

Inculcou-lhe = imprimiu-lhe no espírito de alguém

Ardil = artimanha, cilada

Sobreparou = (voar sobre ameaçar)

Destra = a mão direita

Ceifou = cortou com a foice

Ímpeto = movimento súbito, entusiasmo

(A) esmo = ao acaso

Inerte = sem atividade ou movimento, apático, prostrado

Rútilos = cintilantes, resplandecentes

Undoso = que apresenta ondulações

Ejaculava-se = emitir jato, esperma

Circunfluída = (que foi em círculo)

Veneranda = digna de respeito e de veneração

Esbeltos = esguio, magro, elegante

Partilha = repartição, compartilhamento, divisão

Altiva = digna, arrogante, soberba

Estultícia = ou estultice = tolice, estupidez

Grã = abreviatura de grande

Porvir = o que está para acontecer no futuro

No quadro abaixo está o roteiro dos procedimentos didáticos adotados para o desenvolvimento da aula/roda de leitura.

TEMPO	PROCEDIMENTOS (DOCENTES/LICENCIANDOS)	PROCEDIMENTOS (DISCENTES)	PROPÓSITO / OBJETIVO
10- 15'	<ul style="list-style-type: none"> • Lucas Miguel: Apresentar as motivações da aula aos alunos: primeiras provocações (referências mitológicas - Percy Jackson, crenças antigas etc.); O porquê escolhemos o texto; Apresentar as divisões da aula. 	<p>Organização da sala, com auxílio dos licenciandos e dos professores; tomada de lugares na roda;</p> <p>Diálogo sobre conhecimentos prévios.</p>	<p>Compor o ambiente adequado à atividade proposta e acionar os conhecimentos prévios necessários ao andamento da aula.</p>
10- 15'	<ul style="list-style-type: none"> • Margarida Maria: Avivamento do conto (separar excertos); Roteirizar; Realizar sínteses. 	<p>Participarem da memorização do enredo do conto “Lia Gabriel” e de sua problemática.</p>	<p>Debater o papel da mulher e a violência contra ela;</p> <p>Desenvolver a capacidade de formulação de questionamentos sobre o tema, com base no material literário oferecido.</p>

05-10'	<ul style="list-style-type: none"> Rafael Rios: Remorar o objetivo da aula; 	Escuta atenta, questionamentos necessários e contribuições	Tomar contato com o mito clássico em seu conteúdo e forma.
--------	---	--	--

	Leitura impostada do mito “Terra e Céu/Gaia e Urano”;	interpretativas.	
10-15'	<ul style="list-style-type: none"> Licenciandos: - Rafael: Retomada do texto (explicar que o texto trata de seres mitológicos, explicação para o mundo). - Margarida: mostrar como o privilégio masculino, assim como o seu protagonismo, está na origem da vida, claro, contada por um homem. - Miguel: diferenças de objetivos culturais entre o texto mitológico e o 	Comentários sobre o enredo, compreensão geral da história e eventuais questionamentos.	Tomar contato com o mito clássico em seu conteúdo e forma.

	conto de Conceição Evaristo;		
30'	<ul style="list-style-type: none"> Licenciandos: - Rafael: Leitura mediada. <p>Execução do roteiro de leituras em revezamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comparação intertextual (ênfase a presença da opressão sobre a mulher em dois momentos históricos do Ocidente; considerações sobre a permanência desse lugar) 	Refletir sobre o texto em visão comparativa	Pensar a recorrência da violência sobre a mulher como um traço estruturante da cultura.
15-20'	<ul style="list-style-type: none"> Margarida Maria: Propor avaliação da aula 	Emissão de sugestões e críticas sobre a leitura comparada e a dinâmica da aula.	Externalizar o senso crítico sobre a aprendizagem.
30-40'	Propor a redação de um texto individual sobre a perpetuação da violência contra mulheres ao longo dos séculos.	Escrita das impressões pessoais dos textos e da aula no caderno “Entre Linhas e Sentidos”	Concretizar as ideias de forma material favorecendo o desenvolvimento da escrita
10'	Recolher os textos produzidos.	XXXXXX	XXXXXX

A leitura dos versos de Hesíodo foi precedida de uma breve apresentação de cada um dos autores e dos textos sob análise é fornecida nos Capítulos 4 e 5. O que foi dedicado a Hesíodo vem acompanhado da transcrição dos versos selecionados em português, pinçados da tradução citada nas Referências, além de uma síntese do episódio retratado no poema.

No que diz respeito à escritora mineira, foi produzida uma diminuta biografia e um resumo do principal do conto objeto de comparação com o texto grego e de um outro, que se encaixa no paralelo estabelecido. Isto porque os alunos do CEAC já vinham fazendo a leitura do livro de Conceição Evaristo.

Em seguida, foram apresentadas aos alunos as questões abaixo, a fim de estimular o debate. Foi lembrado o conceito de mito por eles apreendido num livro, que vinha sendo utilizado nas rodas de leitura semanais, e indagado o que entendiam por “clássico” em termos literários, completando a contextualização introdutória das provocações.

Contextualização

- O que é mito?
- O que é clássico?
- Quem foi Hesíodo?

Provocações

- 1.O que se pode notar acerca do papel da mulher diante da violência ao longo dos séculos?
- 2.Um mito pode representar/explicar ou não a perpetuação da agressão do homem até hoje?
- 3.O mito pode auxiliar na compreensão da constituição familiar em torno da figura masculina?
- 4.Como a figura de um filho pode ser importante na libertação de sua mãe?
- 5.O que você pensa do porquê, tanto no mito de Hesíodo quanto no conto de Conceição Evaristo, sobre a conduta de não pronunciar o nome do pai?

O resultado dos debates foi consignado nos cadernos individuais dos alunos, denominados “Entrelinhas e Sentidos”. Trata-se de uma espécie de diário, nos quais são registradas as impressões pessoais das leituras realizadas em grupo, ao longo do ano letivo, assim como dos textos que integraram o Projeto.

A exiguidade do tempo não permitiu uma avaliação criteriosa do experimento. Todavia é possível dizer que o saldo foi positivo. Restou evidenciado o interesse despertado

na maioria dos alunos em conhecer mais da cultura greco-romana. Houve grande adesão tanto à leitura coletiva como ao debate que se seguiu à leitura dos textos e às provocações.

2.0 DIÁLOGO ENTRE OS TEXTOS

Soa adequado fazer algumas ponderações sobre o conceito de Literatura Comparada antes de adentrar-se a questão do diálogo entre os dois textos. Em princípio, a expressão tem um sentido bastante claro, mas, segundo especialistas no assunto, não é tão simples assim. A falta de consenso desde os primórdios dessa forma de análise literária perdura até hoje em alguma medida e, de certa forma, atravessa o presente. Os chamados “estudos literários comparados” utilizam o termo para designar uma variada gama de investigações, com uma diversidade de objetos, ampliando sobremaneira o campo da Literatura Comparada. Por outro lado, os manuais contribuem para dificultar mais ainda a conceituação porque refletem as divergências acadêmicas sobre a natureza, a abrangência, os objetivos e, principalmente, os métodos de investigação. A professora Tânia Franco Carvalhal, referindo-se à Literatura Comparada, afirma que “não é fácil caminhar nessa ‘babel’” (CARVALHAL, 1986, p.7). A autora adverte que não se deve entender a expressão como simples sinônimo de “comparação” porque não se trata de um recurso de uso exclusivo do comparativista. Acrescenta que a comparação “não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação”, utilizado em diversas áreas (CARVALHAL, 1986, pp.1-4).

Está fora dos objetivos do presente trabalho perscrutar a conceituação de Literatura Comparada sob a ótica do historicismo, ou das fontes e das influências. Da mesma forma que não se pretende acolher e utilizar qualquer uma das propostas clássicas das grandes “escolas”, como foram denominadas as orientações francesa e norte-americana. Apesar disso, o propósito de construir uma ponte entre as duas obras selecionadas demandou o emprego da comparação como “recurso preferencial”, e, portanto, como método. Assim a define a autora em relação ao estudo crítico.

[...]quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método — e começamos a pensar que tal investigação é um ‘estudo comparado’. Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim (CARVALHAL, 1986, pp. 7-8).

Exatamente nessa linha é que foi desenvolvido o projeto detalhado no Capítulo 1. Buscou-se trazer os versos de Hesíodo para a atualidade brasileira, retratada no conto de Conceição Evaristo, a partir da identificação das semelhanças entre as personagens, suas atitudes e a violência sexual contra as mulheres, conforme detalhado no Capítulo 5. Não houve intenção alguma de sugerir influência, que é o sentido estrito de literatura comparada, do poeta grego sobre a escritora mineira. Inegável, porém, que os dois textos e, em certa medida, as duas obras, conversam, a despeito de pertencerem a gêneros literários diferentes e de terem sido escritos com intervalo de séculos.

Se em Hesíodo a marca da oralidade fica patente por tratar-se de versos, em Conceição Evaristo a narradora ouve as histórias marcantes de suas vidas que lhe contam as personagens dos contos. Por conseguinte, se vale também da memória. No início do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a narradora anuncia “Ouço muito. Da voz outra, faço minha as histórias também”. Na *Teogonia*, o poeta faz uso da palavra cantada para “ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhe é conferido pela Memória (Mnemosyne) através das palavras cantadas (Musas)” (TORRANO, 2007, p.16). Acrescenta-se a relevância dos nomes das personagens para ambos os autores. Nos 13 contos que compõem a obra da escritora, cada uma foi batizada com um nome cujo significado é revelado durante ou no desfecho da história. Em alguns casos, é o sobrenome que guardará a simbologia. Na obra hesiódica, igualmente relevante e significativo é o nome: “cada Deus tem um âmbito próprio, uma constelação de acontecimentos que o envolve, um elenco de noções ou de lendas associadas a ele” (TORRANO, 2007, p.95). Ainda segundo Torrano,

Este Nome em que se condensam tantos sentidos e significações é um Nome in-tenso e que atua com intensa força sobre o ouvinte: é um Nome Numinoso, i.e., este Nome tem em si um Nume — é um Nome carregado de energia (sagrado) como é sagrado o Deus.

Conclui-se que a razão de um possível diálogo entre as duas obras literárias se dá em virtude da transcendência e da universalidade do texto arcaico.

A leitura da Teogonia ultrapassa e extrapola o interesse da mera erudição acadêmica, porque o mundo que este poema arcaico põe à luz, e no qual ele próprio vive, está vivo de um modo permanente e — enquanto formos homens — imortal (TORRANO, 2007, p.19).

3.HESÍODO E A TEOGONIA: ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O AUTOR E A OBRA

Hesíodo foi um dos maiores poetas gregos do período arcaico. Viveu provavelmente no século VIII a.C. na Beócia, região central da Grécia, com vivência campesina e passou parte de sua vida na sua cidade natal, Ascra (HARVEY, 1987, p 271). Sua obra compõe os pilares da cultura grega antiga e constituiu, junto com os poemas de Homero, a cartilha na qual os gregos aprendiam a ler, a pensar, a entender o mundo e o poder dos deuses, como acentua Augusto Mancini, ao tratar da escola hesiódica, após importantes reflexões acerca de uma consciência ética e de crítica na obra de Hesíodo, “O carácter da poesia hesiódica é o fim didáctico, o conteúdo mítico e ético; a sua técnica, o *catálogo* e a *gnome*” (MANCINI, 1973, p. 49).

Ao contrário do autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, Hesíodo não escreveu sobre as aventuras de heróis gregos. Conforme já foi explicitado, neste trabalho apresentamos considerações sobre um projeto que tem como escopo a busca de um olhar contemporâneo a respeito da Antiguidade Clássica, tendo como ponto de partida um excerto de Hesíodo do poema *Teogonia* (*ΘΕΟΓΟΝΙΑ*), “a origem dos deuses”. O poema conta a história da criação do mundo a partir da vontade e das relações entre as divindades. Considera-se a *Teogonia* o mais antigo tratado de mitologia grega que chegou até nós, como salienta Paul Harvey: “A originalidade de Hesíodos consiste no fato de ele ter sido o primeiro poeta grego a procurar seu assunto em fontes alheias ao mito ou à fantasia” (HARVEY, 1987, p. 271). Julgamos oportuno citar as observações de Mancini sobre o poema, palavras que sintetizam sobremaneira a estruturação da obra e os assuntos tratados pelo poeta:

é um poema de 1022 versos [...]. A obra expõe, em primeiro lugar, a origem do cosmo; depois, em relação às várias idades do mundo, enumeram-se as sucessivas gerações dos deuses maiores, Urano, Crono, Zeus. O intuito do poeta é dar a conhecer a verdade, traçando a história do mundo até o advento do reinado de Zeus; mas a série dos *Catálogos*, em que há interrupções, é avivada por episódios, entre os quais são notáveis *o nascimento de Afrofite, o nascimento de Zeus, o mito de Prometeu* (MANCINI, 1973, p. 47).

Os versos transcritos a seguir (154-196) foram selecionados em virtude de retratarem uma situação passível de comparação com aquela narrada no conto de Conceição Evaristo. Esclarecemos que optamos por utilizar a tradução do texto grego realizada por Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira (PINHEIRO; FERREIRA, 2005). Ainda em relação ao texto hesiótico em pauta e a possível comparação com o texto de Conceição Evaristo, destacamos como primeiro elemento de análise a violência física sofrida pela deusa Gaia, assim como ocorreu com a personagem Lia Gabriel. Por outro aspecto, a recomendação de não pronunciar o “nome do pai” autoriza fazer um paralelo entre os dois textos, como será mais detalhado no Capítulo 5. A seguir, os versos sob análise, utilizados no projeto que embasa o presente trabalho.

“A história da Terra e do Céu”²

“Quantos tinham nascido da Terra e do Céu,
os mais temíveis filhos, todos odiaram o seu progenitor, 155
desde o início. Pois, quando estavam prestes a nascer, logo
os escondia a todos e os privava da luz,
nas entranhas da Terra. Este feito hediondo comprazia-o a ele,
o Céu; mas, ela, a enorme Terra, gemia, com as entranhas
cheias, e concebeu uma cruel e pérfida vingança. 160
Depressa criou uma espécie de aço brilhante
e com ele fez uma grande foice e dirigiu-se aos filhos queridos.
Então, incitou-os, dizendo, com o coração ensombrecido:
«Filhos, meus e de um pai cruel; se quiserdes,
fazei o que eu vos peço: vamos castigar a cruel acção do vosso
pai, pois foi ele quem primeiro se lançou em obras infames.» 165
Assim falou. O terror apoderou-se de todos, mas nenhum deles
disse palavra. Só o grande Cronos de pensamentos tortuosos, destemido,
se dirigiu de imediato com estas palavras à mãe veneranda:
«Mãe, eu vou tomar a meu cargo executar
tal tarefa; não tenho medo de um pai cujo nome não deve pronunciar-se, 170
o nosso, pois foi ele quem primeiro se lançou em obras infames.»
Assim falou. E, no seu espírito, regozijou-se a enorme Terra.
Em segredo, ocultou-o num esconderijo. Colocou-lhe nas mãos

² HESÍODO. *Teogonia*: trabalhos e dias. Introdução, tradução e notas: Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. Versos: 154-196.

a foice de serra dentada, e confiou-lhe todo o ardil.
 Veio então, trazendo a noite, o Céu imenso; tomado 175
 de um louco desejo pela Terra, e estendeu-se em todas as direcções. O filho, desde o seu
 esconderijo,
 [lançou-lhe a mão
 esquerda, e com a direita tomou a foice temível
 e enorme, de serra dentada, e de um golpe cortou
 os testículos do pai amado e atirou-os 180
 para trás. Mas não foi em vão, contudo, que se escaparam da sua mão,
 pois quantos jorros de sangue escorreram
 todos a Terra recebeu. E, quando se completou o tempo devido,
 nasceram as Erínias poderosas e os grandes Gigantes,
 de armas resplandcentes, que seguram nas mãos as longas lanças, 185
 e as Ninfas, a quem sobre a terra infinda também chamam Mélias.
 Os testículos, por sua vez, assim que cortados pelo aço e lançados desde a terra firme ao mar
 de muitas vagas,
 foram levados pelo mar, por longo tempo; à sua volta, uma branca
 espuma se libertou do órgão imortal e dela surgiu uma 190
 rapariga. Primeiro, foi em direcção aos divinos Citérios
 que ela nadou, e de lá em seguida chegou a Chipre rodeada de mar;
 aí aportou a bela e celebrada deusa que, à sua volta,
 sob os seus pés ligeiros, fazia florescer o solo. Afrodite
 [a deusa nascida da espuma]...”.

4. CONCEIÇÃO EVARISTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTORA E SUAS INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

O texto abaixo, autoral, foi escrito em 14.10.2023 para apresentação prévia da autora desta Monografia ao público-alvo do projeto, em um evento em que participaram os alunos do CEAC (Colégio Estadual Amaro Cavalcanti), em 31.10.2023, na Casa da Leitura, em Laranjeiras, nesta cidade. Por conseguinte, não consta dele a informação da posterior eleição de Conceição Evaristo para a Academia Mineira de Letras, em maio do corrente ano, referendando a escritora mineira como um dos nomes mais importantes da literatura brasileira contemporânea, com traduções para o inglês, francês, espanhol, árabe, italiano e eslovaco.

Conceição é um nome de origem latina, do vocábulo *conceptus* que possui, entre outros significados, o de “concepção”. No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, encontramos as seguintes entradas: “con.cep.ção [pl.:ões] s.f.1 fecundação 2 criação 3 teoria 4 percepção 5 noção 6 ponto de vista, opinião” (HOUAISS; VILAR, 2009).

Maria da Conceição Evaristo de Brito foi quem escreveu a antologia de contos intitulada *Insubmissas lágrimas de mulheres*, com a qual estamos trabalhando. Além de contos, é autora de romances, poemas e ensaios. Mineira, foi professora no Rio de Janeiro antes de dedicar-se totalmente à literatura. Em seus livros, sempre abordou temas que, infelizmente, permanecem atuais: a violência contra mulheres, as desigualdades sociais e outras mazelas que atingem a população negra em nosso país (EVARISTO, 2022, pp.141-150).

O preconceito racial e de gênero dificultou, mas não conseguiu impedir que Conceição Evaristo, se destacasse no campo literário. Em 2015, recebeu o Prêmio Jabuti, o mais importante reconhecimento dado a autores brasileiros. Em setembro deste ano, prestes a completar 77 anos, foi agraciada com outro: o Prêmio Juca Pato, concedido há quase três décadas pela União Brasileira de Escritores (UBE), com o livro *Canção para ninar menino grande* (2022).

Não é pouca coisa para uma mulher negra, num país em que ainda assistimos lamentáveis cenas de discriminação de pessoas por causa da cor da pele. A estatueta da famosa personagem paulistana, nas décadas de 30 e 40, criada pelo caricaturista Belmonte, já foi entregue a intelectuais como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles, Antonio Candido e Frei Betó³. Todos os agraciados são brancos e integrantes da elite intelectual brasileira, que Conceição classifica como burra, ressaltando a qualidade da produção literária desses autores. Explica-se a autora: “A elite intelectual brasileira é burra de não perceber a riqueza na pluralidade das vozes”⁴.

E ela parece ter razão, segundo nossa perspectiva de análise. Possivelmente, foi essa “miopia” da intelectualidade nacional uma das causas dela ter sido preterida na recente disputa para uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL). Venceu o cineasta Cacá Diegues. Reconhecido como alguém genial, homem e branco.

Enfim, trata-se aqui de uma mulher de fala mansa e simples, que nos traz temas duros, como dura se revela a realidade dos afro-brasileiros em geral, das mulheres, e de outros grupos, que foram – e continuam sendo – relegados aos últimos lugares na escala social. Escala essa estabelecida pela mesma elite que ofuscou a produção literária de Conceição Evaristo ao longo de anos, por diversos motivos e meios, destacando-se o domínio do mercado editorial brasileiro.

Na opinião da autora, “é como se o negro não tivesse o direito de usar a própria cultura para fazer literatura”⁵, ou essa cultura não pudesse ser matéria de ficção, salvo se produzida por autores brancos.

Qualquer que seja o ponto de vista a ser analisado, o importante é que Conceição Evaristo, com todo o seu talento, estourou essa bolha – isto é, derrubou barreiras no âmbito

³ Disponível em <https://ube.org.br/juca-pato-2024-vencedora/> Acesso em 12.11.2024.

⁴ EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida ao canal Brasil de Fato, em 09.08.2021, disponível em: <https://youtu.be/lbiyckf7ksM>, acesso em 12.11.2024.

⁵ EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida ao canal Brasil de Fato, em 09.08.2021, disponível em: <https://youtu.be/lbiyckf7ksM>, acesso em 12.11.2024.

literário. Deu continuidade à luta de outras grandes escritoras negras e alargou o caminho, dando passagem à experiência de toda uma coletividade, na qual ela se insere, contada por quem a vivenciou. É o olhar, o sentir, do lado de dentro, a escrevivência, que valoriza o cotidiano e, não raro, preenche, com o discurso ficcional, a lacuna deixada pela História.

O termo escrevivência – que ela cunhou⁶ – também pode ser lido como um conceito filosófico, porque diz respeito à subjetividade, à existência humana, a trajetórias individuais e coletivas, incrustradas na essência de cada conto, poema, ou romance. Ousa-se fazer aqui um paralelo entre Conceição Evaristo e a protagonista da obra *Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder (1991): a primeira sabe quem é e de onde vem; Sofia Amundsen ainda está à procura de si própria e de sua origem. Todavia, ambas questionam o mundo. Portanto, ambas filosofam.

A consagrada escritora, ensaísta, poeta e contista mineira, assim como as lágrimas do livro, teve um momento de insubmissão. Trabalhou num ritmo diferente do que costuma nessa obra para responder à provocação feita por uma pesquisadora, no sentido de que as vidas das mulheres negras, retratadas nas personagens, eram feitas só de tristeza e sem final feliz: “Nessa antologia, as mulheres passam por processos de dor, mas já saíram do sofrimento quando contam o êxito de terem saído da tormenta”. “E, portanto, aí está o final feliz”, asseverou certa feita⁷.

Isso, sem dúvida, é percepção, é ponto de vista, é teoria, é criação, é concepção: É CONCEIÇÃO.

Avivamento do conto “Lia Gabriel”, com remissão ao intitulado “Aramides Florença”

O conto denominado “Lia Gabriel” foi selecionado do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2022, pp. 95-103). A exemplo de muitos outros dessa mesma obra, tem como assunto principal a violência praticada por homens contra as mulheres e seus filhos. É o caso também de outro, intitulado “Aramides Florença” (2022, pp. 9-18), o qual será referido na

⁶ Id. *Ibid.*

⁷ Cf a entrevista citada anteriormente.

análise do conto principal selecionado, a ser realizada no capítulo 5. Em ambas as histórias, o cotidiano das protagonistas é bastante violento. Elas são submetidas a relações sexuais forçadas por seus respectivos companheiros, permitindo fazer um paralelo com a narrativa dos versos do poeta grego Hesíodo.

A seguir, um resumo dos contos.

Lia Gabriel

Lia Gabriel vivia com seu marido e três filhos pequenos: as gêmeas Madá e Lená, e o caçula, Máximo Gabriel. Certo dia, ao ser cobrada pelo marido para que lhe fosse servido o almoço, ela respondeu-lhe que estava brincando com as crianças na sala, que o prato dele estava dentro do micro-ondas, e que bastava ligar o aparelho para esquentar. Foi o bastante para despertar a fúria dele contra Lia Gabriel, a qual, em outras ocasiões, já havia sido agredida pelo marido. Desta vez, contudo, foi mais longe. Primeiro, quase a afogou no tanque, enfiando a cabeça dela na água. Em seguida, obrigou-a a tirar a roupa, levando-a para o quarto de empregada, onde passou a chicoteá-la. Depois, foi até a sala, pegou o pequeno Máximo Gabriel, de apenas dois anos à época, igualmente nu, jogando-o nos braços da mãe e continuando a agredi-la, agora, com o filho nos braços. Em dado momento, uma chicotada bateu na criança que, assim como as irmãs, chorava compulsivamente.

Após a sessão de tortura, Lia Gabriel pegou as crianças e se refugiou na casa da mãe dela, que a aconselhou a tentar se entender com o marido, em nome do bem dos filhos. E isso não ocorreu porque ele foi embora, levando tudo que havia na casa.

A partir desse episódio, o menino passou a ter um comportamento anormal, alternando estados de tranquilidade com outros de grande agressividade contra si próprio, inclusive batendo em si mesmo e dando socos no ar. Por isso, foi diagnosticado como esquizofrênico e perigoso para a família. O nome do pai agressor não é pronunciado em nenhum momento.

Num dado momento, porém, após uma internação e exames, uma médica, de nome Celeste Rosas, contou para Lia que Máximo Gabriel havia criado um monstro na imaginação após as agressões sofridas no dia das chicotadas. E era esse monstro imaginário que lutava e que, na verdade, era o pai dele, a quem desejava matar, mas não o fez. A violência

testemunhada contra a mãe e contra ele próprio causou aquele comportamento que os médicos consideravam esquizofrênico.

Aramides Florença

Trata-se da história de um jovem casal à espera do primeiro filho. A gravidez dela, que se chamava Aramides Florença, foi desejada. Apesar disso, provocou uma alteração no comportamento do marido ao longo dos meses e após o nascimento do bebê. Ambos estavam grávidos e felizes, até que pequenos incidentes começaram a ocorrer, causando certa inquietação em Aramides. Certo dia, ela cortou-se superficialmente na barriga, ao deitar-se sobre uma lâmina de um aparelho de barbear, inexplicavelmente esquecido sobre a cama do casal. Numa outra ocasião, já bem próximo ao parto, o marido apagou um cigarro na barriga de Aramides, ao abraçá-la por trás. O episódio deixou-a apreensiva, mas preferiu crer que ele estava nervoso. Logo após o nascimento da criança, um menino, o homem indagou quando Aramides voltaria a ser apenas dele. Alguns dias depois enquanto Aramides amamentava o filho, o marido a atacou, jogando o bebê violentamente no berço. Em seguida, a estuprou, abandonando-a toda machucada.

5.DESMISTIFICANDO OS CLÁSSICOS: OS PONTOS COMUNS ENTRE A LITERATURA GRECO-ROMANA E O TEXTO CONTEMPORÂNEO

A respeito do vocábulo “clássico” tecemos as seguintes considerações: em grego, temos “Κλασικός – Clássico, -a. Adjetivo, masculino. 1.(artista) Κλασικός; 2. (desp.) (no futebol, etc.) ντέρμπι το *phr*; obra clássica κλασικό το”⁸; em Latim, *classicus/classis* (FARIA, 2021). O termo, segundo os dicionários, pode ser tomado como adjetivo (naval, da armada), ou substantivo (classe, categoria, tropa), respectivamente. Ao ser traduzido para o Português, remete à ideia de culto, erudito, sóbrio, entre outras. Tais possibilidades de uso, por si, explicam, em boa parte, a aura de erudição que paira sobre os livros denominados “clássicos”, sejam eles de autores brasileiros ou estrangeiros. Mais ainda quando se trata de nomes gregos, como Hesíodo e Homero, ou latinos, como Cícero e Horácio, escritos em línguas ditas mortas.

Neste capítulo, a proposta é demonstrar que textos literários produzidos por autores como os acima mencionados, considerados canônicos, podem ser apresentados de forma inteligível para qualquer leitor médio e de uma forma nada enfadonha, a partir de um trabalho de mediação despido de preconceito intelectual.

Urge, portanto, antes de mais nada, eleger um dos possíveis significados do vocábulo sob exame, a fim de corroborar, ou não, o sentido que lhe é atribuído nos verbetes dos dicionários e na sociedade de um modo geral. Com este intuito, transcreve-se a seguir algumas das 14 definições pinçadas do texto *Por que ler os clássicos* (CALVINO, 2007, pp.9-16), analisando-as em conformidade com o escopo do presente trabalho, de desmistificar estas produções literárias.

1.“Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”

Segundo Calvino, o uso do prefixo reiterativo se deve a um desnecessário pudor que as pessoas sentem em admitir que não leram algum autor famoso nos círculos de grandes

⁸ Disponível em <https://www.dict.com/grego-portugues>, acesso em 12.11.2024.

leitores. A tese dele reforça a ideia de que se atribui tamanho prestígio a quem já leu as obras consideradas clássicas que as pessoas podem até mentir para evitar o desdém por não as ter lido.

Por conseguinte, é possível afirmar que o trecho em destaque corrobora, de certa forma, a crença de que o acesso aos clássicos constitui um privilégio de poucos, seja por questões materiais ou intelectuais.

Na proposição seguinte, Calvino sugere existir um momento mais apropriado para se ter contato com a obra clássica: quando o leitor já está capacitado a desfrutar dos prazeres não percebidos quando jovens. Seria como “provar o vinho” quando se tem um paladar refinado e treinado, capaz de identificar as notas da bebida.

2. “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.”

O autor faz algumas ponderações acerca da repercussão que um clássico pode ter, independente da fase da vida em que se tenha o primeiro acesso ao livro. Afirma que as leituras refeitas na maturidade levarão o leitor de volta às impressões genuínas do primeiro contato. Em outras palavras, ainda que haja um turbilhão de emoções e escassez de dados sobre a potência da obra, é produtivo apresentá-la aos jovens, como de resto a qualquer pessoa.

O próprio autor explica a importância dessa oferta em qualquer momento da vida: “Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente” (CALVINO, 1993, p.10). E exatamente foi uma semente que se lançou – e se almeja continuar lançando – na vida intelectual dos alunos que participaram do projeto em que se baseia o presente trabalho.

Segue o último conceito apresentado por Calvino.

12. “Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia.”

A respeito desse tópico, ele diz ser inadiável fazer duas perguntas, sendo a primeira: "Onde encontrar o tempo e a comodidade da mente para ler clássicos, esmagados que somos pela avalanche de papel impresso da atualidade?". A dificuldade por ele apontada nessa indagação persiste, embora tenha sido atualizada pelos formatos digitais e *on line* da literatura. Hoje, há uma hiper oferta de textos virtuais e de forma muito mais sedutora, visto que a comodidade de acesso é ampla, pois a tecnologia permite ler-se a partir de qualquer dispositivo.

No que se refere à seleção dos títulos, no ambiente virtual, é quase automática e efetuada pelo algoritmo, direcionando o leitor para conteúdos literários semelhantes aos das suas escolhas iniciais, sejam elas na área literária ou não. Logo, se esse leitor nunca realizar uma busca por um livro ou autor do período clássico, é provável que jamais lhe será oferecida uma obra dessa natureza. Sem querer perquirir-se o efeito colateral desse cerceamento da escolha, que se dá de uma maneira imperceptível por muitas pessoas, o fato é que representa um prejuízo para a literatura clássica da antiguidade. As obras estarão condenadas a permanecer sob a "poeira" dos *sites*, não porque têm a pecha de textos difíceis ou enfadonhos, mas por serem vítimas da inteligência artificial.

Por fim, outra pergunta formulada nos comentários de Calvino à última definição que destacamos permite uma análise por dois vieses. O primeiro relativamente ao caráter utilitarista das obras contemporâneas, ao indagar sobre a inutilidade que ele atribui ao texto clássico para fins de compreensão das mazelas do mundo moderno. "Por que ler os clássicos em vez de concentrar-nos em leituras que nos façam entender mais a fundo o nosso tempo?".

No que se refere ao suposto utilitarismo cobrado dos textos clássicos, cumpre dizer que não necessariamente está presente nos escritos da atualidade. Ademais, aqueles escritos, como é o caso dos versos gregos objeto do presente trabalho, atravessaram os séculos exatamente porque tratam de questões relevantes para os seres humanos desde sempre, ou seja, são temas universais sob uma perspectiva peculiar. Todavia, reside no segundo viés de interpretação, o qual vem ao encontro da desmistificação que se pretende realizar das obras literárias da antiguidade clássica.

Fosse o caso de considerar-se a atividade da leitura de clássicos uma atividade de resultado, no caso, por fornecer algum tipo de explicação e/ou solução para uma mazela do mundo moderno, o projeto inspirador do presente trabalho legitimaria a obra escolhida como bem sucedida nessa tarefa. Isto porque a ponte que se construiu no projeto foi entre as situações vividas pela deusa Gaia e pelas personagens femininas de Conceição Evaristo. Mais ainda, a história retratada nas duas obras ensejou – e enseja – muitas reflexões sobre a origem e sobre o crescimento exponencial público e notório da violência praticada contra as mulheres por seus companheiros, um problema que, assim como a *Teogonia* de Hesíodo, atravessa os séculos.

É, portanto, lícito dizer que a produção literária da antiguidade greco-romana nada tem de incompreensível ou distante dos leitores comuns, sendo mero preconceito a pecha que se lhe atribuem alguns. E, ainda, é possível afirmar-se que o estranhamento se deve à falta de mediação adequada nos primeiros contatos, e não a qualquer característica pejorativamente erudita da obra.

Por fim, o cotejo entre pontos em comum nas duas narrativas objeto do presente trabalho, o qual está detalhado a seguir, autoriza uma potencialização de ambos os textos, na medida em que permite uma leitura mais ampla das situações e personagens que os compõem.

A oralidade e a tradição são características comuns tanto dos contos quanto das formas de perpetuar a mitologia na memória. Apesar disso, não se pretende com o presente trabalho analisar semelhanças entre os gêneros literários sob exame. O objetivo é de estabelecer um conjunto de interseções entre as respectivas personagens, representações e situações conflituosas dos textos cotejados, a fim de demonstrar que a história sobre “A origem do universo”, contada em versos por Hesíodo, pode ser tão compreensível e prazerosa como qualquer outra obra literária, inclusive como os contos de Conceição Evaristo.

Com o fito de simplificar a comparação, foram elaborados os quadros abaixo, apontando as semelhanças e as diferenças entre as duas narrativas.

COINCIDÊNCIAS ENTRE AS DUAS HISTÓRIAS

CONTO LIA GABRIEL	POEMA DE HESÍODO
Violência contra mulher/mãe	Violência contra mulher/mãe
Agressor é o pai dos filhos dela	Agressor é o pai dos filhos dela
O nome do pai não é pronunciado	O nome do pai não é pronunciado
A fúria do pai se dirige ao filho homem	A fúria do pai se dirige ao filho homem
A mãe defende o filho como pode	A mãe defende os filhos como pode
O pai parece ter se incomodado com a atenção que Lia dava aos filhos	O pai tinha medo de ser destronado por um dos filhos

DIFERENÇAS ENTRE AS DUAS HISTÓRIAS

CONTO LIA GABRIEL	POEMA DE HESÍODO
A protagonista tem apenas um filho homem e duas filhas	A protagonista tem vários filhos
Filho fica traumatizado com a violência e reprime ódio pelo pai	Um dos filhos se vinga da violência do pai, cortando os testículos dele
Agressor sai impune e não se sabe mais nada sobre ele	Agressor é castigado, mas ainda é capaz de reproduzir uma vida (Afrodite)
Mãe supera aquele episódio e cria os filhos sozinha	Mãe seguiu a vida
A história é verossímil	Trata-se de um mito
A mãe não se vinga	A mãe se vinga do pai com a ajuda de um dos filhos
O texto não deixa claro o motivo da tortura impingida à Lia e ao menino	O medo de ser destronado por algum de seus filhos é a razão da violência praticada com a mãe deles

A partir dos pontos destacados, a reflexão com os alunos do CEAC foi ampliada, aproximando o texto clássico de questões contemporâneas, em particular a opressão contra a mulher, sofrida no seio da família e praticada pelo marido ou companheiro. É o caso da representação de Gaia, *Geia ou Gé* (em grego: Γαία; transl.: *Gaía*), na mitologia grega, é a Mãe-Terra, a mãe universal. Na mitologia, ela deu origem ao seu oposto sexual, Urano, *Ouranós* (Ουρανός), que significa "o que cobre" ou "o que envolve". Tal qual qualquer mulher fértil, a personagem de Conceição Evaristo tem o poder de gerar e parir. Entretanto, hoje, homens estão em maioria para decidir o direito dela escolher os filhos que deseja ter, assim como Urano decidia, até ser castrado.

Igualmente atualizado o texto literário grego, resguardando-se, por óbvio, o regulamento dos mitos, no que se refere à disputa do marido/companheiro com os próprios

filhos pela atenção da mãe-mulher, mote do conto principal, “Lia Gabriel” (EVARISTO, 2022, pp. 95-103), e do outro, intitulado “Aramides Florença” (EVARISTO, 2022, pp.9-18). A competição entre pai e filho, retratada nos textos em confronto, conduziu a tragédias familiares, muito comuns no mundo atual e que são estampadas nos grandes jornais. É possível, também, estabelecer uma ponte entre um ponto específico e comum às obras. Trata-se da atitude das personagens de não pronunciarem o nome-do-pai, a partir do clímax das narrativas. Trata-se de forclusão, ou forclusão, que, no jargão jurídico, designa o não exercício de um direito no prazo. O termo foi adotado por Jacques Lacan para conceituar um mecanismo da psicose responsável pela rejeição de um significante do simbolismo de uma pessoa⁹. Portanto, assunto pertencente à seara alheia ao escopo do presente trabalho, motivo pelo qual serve apenas para exemplificar a conduta comum entre as personagens.

Em suma, os quadros acima deram suporte aos debates realizados com os alunos participantes do projeto e evidenciam a possibilidade de fruição de um excerto da literatura clássica greco-romana de uma forma simplificada, em consonância com o propósito do trabalho ora apresentado.

⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Foraclusão>, acesso em 19.11.2024.

6.O DIREITO DE LER OS CLÁSSICOS

Há um consenso nas sociedades democráticas, como a brasileira, a respeito de considerar-se o direito à literatura como um direito humano. Portanto, um bem essencial a qualquer pessoa para viver e desenvolver-se com a dignidade prevista no inciso III do artigo 1º. da Constituição Federal (CF), que encerra um dos princípios fundamentais da República. O professor, crítico literário e sociólogo Antonio Candido, desde sempre atribuiu a ela tal natureza, entendendo que se trata de “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 175). E, segundo ele, essa é a razão de a literatura integrar os direitos humanos.

Na referida obra, Candido classifica como literatura qualquer espécie de fabulação, como um tipo de manifestação universal e imprescindível a todo ser humano. Argumenta que “se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2004, p.174).

O autor indica um pressuposto para pensar em termos de direitos humanos que é “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. E, a partir dessa premissa, ele põe em xeque a disposição genuína das pessoas em conceder acesso aos textos literários como algo essencial para qualquer ser humano. De acordo com o professor Candido, é unânime na sociedade o reconhecimento do direito a todos a bens fundamentais como a moradia, a alimentação, a saúde e a educação, qualificados como “incompressíveis” no texto dele. A mesma concordância não é verificada em relação aos denominados “bens compressíveis”, os quais ele exemplifica com os cosméticos e algumas roupas, considerados como supérfluos. A partir dessa distinção, indaga o autor sobre as pessoas que fazem parte do grupo economicamente privilegiado: “Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?” (CANDIDO, 2004, p.172).

A dúvida do sociólogo procede, e a corrobora o lamentável comentário, que se tornou público e notório, feito por uma ex-autoridade econômica do governo anterior acerca de empregados domésticos viajarem de avião. Trata-se de um exemplo clássico do pensamento atribuído à classe média do tempo em que Antonio Candido era menino, segundo o qual, os empregados não tinham necessidade de comer sobremesa, nem de folga aos domingos, “porque, não estando acostumados a isso, não sentiam falta” (CANDIDO, 2004, p. 173). Nos dias de hoje, esse tipo de fala tornou-se politicamente incorreta e inaceitável, ao menos em público. Todavia, não significa que esses discursos tenham sido eliminados da cabeça dos membros das classes mais abastadas. De acordo com o autor, seria um outro aspecto que desagradava aos donos do poder. Além da literatura ser uma necessidade universal, “pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrições dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 2004, p.186).

De fato, as recentes e conturbadas reformas no ensino médio, contidas na Lei 13.415/2017 (BRASIL, 2017), que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, evidenciam a desidratação da literatura de um modo geral. E, por óbvio, a repercussão negativa será muito maior no âmbito da rede pública de ensino. Isto porque a nova legislação não veda a oferta desse tipo de conhecimento; apenas não o prestigia. Conseqüentemente, os estudantes da rede privada continuarão a ter acesso aos textos clássicos, se o desejarem, ao contrário dos que frequentam as escolas estaduais.

Num outro viés e num tom mais duro, o professor Flávio R. Kothe, afirma que os alunos brasileiros, tanto os da educação básica como os dos cursos superiores, inclusive de Letras, não recebem uma boa formação em termos de literatura universal. Segundo ele, isto decorre, em parte, de outros meios de entretenimento, como a televisão, que tem um apelo mais atraente do que os livros. Para este autor, a literatura clássica quase não é lida e “inclusive é impedida de circular pelo sistema escolar, que, à contracorrente da internacionalização da economia, da necessidade de entendimento entre os povos e as raças, só ensina hoje o canône literário brasileiro” (KHOTE, 1997, p.118).

Em suma, o acesso à literatura da Antiguidade greco-romana enfrenta dificuldades maiores do que as que se apresentam em relação à leitura, de um modo geral. E, portanto,

como afirma o professor Antonio Candido, “a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura” (CANDIDO, 2004, p.191). E, portanto, o direito não é apenas a ler, mas a ler também os clássicos.

CONCLUSÃO

O percurso realizado durante o projeto inspirador do presente trabalho e ao longo da confecção deste trabalho permite afirmar que, sim, é viável introduzir a leitura de textos literários da Antiguidade Clássica na agenda dos estudantes do ensino médio da rede pública e de qualquer cidadão. O êxito dessa missão depende muito da forma como as obras são apresentadas e da mediação. A construção de uma ponte entre o clássico greco-romano e um conto contemporâneo, utilizando-se um tema da atualidade brasileira, a violência, foi o caminho encontrado. A aceitação pelos jovens deixou claro que o professor Antonio Candido está certo ao afirmar que pessoas simples, até mesmo analfabetas, podem apreciar bens culturais. Cabe, então, formular uma pergunta, semelhante àquela proposta por Antonio Candido, em relação ao acesso às obras literárias, consideradas eruditas. Será que as pessoas economicamente privilegiadas e aquelas que detêm o poder de decisão sobre os rumos da Educação no Brasil pensam que o seu semelhante, apesar de pobre, tem direito a ler Hesíodo, assim como tem o direito de comer, de ter uma casa para morar, entre outras necessidades básicas?

É provável que a resposta seja negativa. Pior. Viria apoiada em situações institucionalizadas e, portanto, mais graves do que o mero preconceito individual. Os textos legais aplicáveis à Educação, como a BNCC, não contemplam a literatura greco-romana, como de resto qualquer tipo. Apesar de não estar entre os objetivos deste trabalho perquirir-se erros ou acertos das mudanças na política educacional, é inevitável mencioná-las como possíveis fatores de empobrecimento cultural dos estudantes. Isto porque tudo indica que, de fato, as desigualdades socioeconômicas são reproduzidas e perpetuadas na educação. No caso do conhecimento literário, é seletivamente distribuído conforme a classe social a qual pertence o indivíduo. Tal conduta faz tábula rasa do direito à igualdade, insculpido no *caput* do artigo 5º da Constituição Federal (CF) vigente no Brasil, o qual está inserido nos direitos e garantias fundamentais. Trata-se, portanto, de uma cláusula pétrea, ou seja, um dispositivo legal que demanda um *quorum* qualificado para ser modificado e cujo teor não pode ser abolido (inciso IV do § 4º do artigo 60 da CF). Na prática, contudo, vem sendo mitigado a cada ano.

Em suma, a experiência com o projeto que deu origem ao presente trabalho evidenciou que é equivocado o pensamento de que pessoas menos favorecidas economicamente não necessitam, ou não se interessam pela literatura considerada erudita. Os estudantes demonstraram interesse genuíno pela obra de Hesíodo. Tal qual relata o professor Antonio Candido, é comovente “a sofreguidão” com que pessoas pobres e até mesmo analfabetas recebem artigos culturais de alto padrão. De tudo isso, a conclusão a que se chega é aquela sintetizada nos versos da canção de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, a seguir transcritos.

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte¹⁰

¹⁰ LETRAS.mus.br.<https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/1769313/>, acesso em 22.11.2024.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**/Ítalo Calvino; tradução Nilson Moulin - São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: **Vários escritos** – 4.ed. – São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p.169-192.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo, Ática, 1986.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**: livro do estudante/Conceição Evaristo, Vanusa Maria de Melo. – 1.ed. – Rio de Janeiro, RJ: Malê, 2022.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**/Ernesto Faria – 2.ed.Belo Horizonte – MG: Garnier, 2021.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: Romance da história da filosofia**/Jostein Gaarder; tradução do norueguês Leonardo Pinto Silva. – 1.ed. – Paranaguá, PR: APágina Store, 2021.
- HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- HESÍODO. **Teogonia: trabalhos e dias**. Introdução, tradução e notas: Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JAA Torrano. **O sentido de Zeus. O Mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo**.A.E. Pinheiro & J.R. Ferreira, Hesíodo. Teogonia / Trabalhos e Dias, Lisboa, Imprensa Nacional, 2005. Texto originalmente publicado em <https://www.infoescola.com/mitologia-grega/teogonia-de-hesiodo/>
- KOTHE, Flávio Rene. **O cânone colonial: ensaio**./Flávio R.Kothe.Brasília:Editora Universidade de Brasília, 1997.
- LETRAS.mus.br.<https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/1769313/>acesso em 22.11.2024
- MANCINI, Augusto. **História da literatura grega no pensamento e na arte**. Versão do italiano e apêndice bibliográfico e Giacinto Manuppella. Lisboa: Estúdios Cor, 1973.
- PINHEIRO, Ana Elias; FERREIRA, José Ribeiro. Introdução, tradução e notas. In: **HESÍODO. Teogonia: trabalhos e dias**. Introdução, tradução e notas: Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.